



RELATO DE EXPERIÊNCIA: MARCAS DE ORALIDADE PRESENTES EM PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS DO 9º ANO

Mariani Mendes Coelho¹
Susiele Machry Da Silva²

RESUMO

O PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, possibilita aos estudantes de licenciatura o contato com as atividades docentes durante a graduação. Estar em contato com o cotidiano escolar e as funções comuns aos professores, permite construir conhecimentos sobre as: aulas ministradas, a elaboração de atividades e as correções de produções textuais, as quais proporcionam um aprendizado enriquecedor, por permitir a articulação da teoria com a prática simultaneamente. Tendo isso em vista, neste relato de experiência discorremos sobre a prática de correção de textos realizadas no âmbito do PIBID, com enfoque na ortografia e nas marcas de oralidade encontradas nas redações produzidas por discentes do 9º ano de uma escola estadual da rede pública do estado do Paraná, por meio da plataforma “Redação Paraná”. Considerando como suporte teórico as similaridades e diferenças entre a língua falada e a língua escrita, bem como as relações som e grafema, buscou-se descrever, como os textos dos alunos mostram marcas da oralidade. A análise realizada dessas produções textuais permitiu observar estarem essas marcas presentes na escrita, evidenciando trocas ortográficas decorrentes da fala e das dificuldades nas relações grafofonológicas.

Palavras-chave: Produção de texto, Oralidade, Ortografia, Ensino, Correção.

INTRODUÇÃO

O PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, possibilita aos estudantes de licenciatura o contato com as atividades docentes durante a graduação. A partir do contato direto com a rotina escolar de professores de língua portuguesa, caso deste estudo, os pibidianos desenvolvem competências no quesito ensino da língua que ocorre de diferentes formas dentro da sala de aula. O trabalho com a língua portuguesa no contexto escolar, seguindo a proposta da BNCC (2018), ocorre através de gêneros discursivos, os quais, segundo Bakhtin: “São tipos relativamente estáveis de enunciados” (p. 12). Sendo assim,

¹Graduanda do Curso de Letras Português-Inglês da
marianimendes@alunos.utfpr.edu.br;

Universidade Tecnológica Federal - PR,

²Professor orientador do Curso de Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - PR
susielem@utfpr.edu.br



seguem uma construção composicional levando em consideração o conteúdo temático e o estilo da linguagem.

São os gêneros discursivos que criam um contexto e um propósito de escrita ao aluno, possibilitando o ensino contextualizado da língua e uma produção textual significativa, com propósitos que vão além da correção e avaliação pelo professor. Por esse motivo, a Base Nacional Comum Curricular orienta o ensino da língua portuguesa através de gêneros do discurso, já que, a forma escrita de comunicação tem elevada importância no cotidiano dos estudantes.

No estado do Paraná as produções textuais acontecem com o auxílio da plataforma intitulada ‘Redação Paraná’. A plataforma é um espaço virtual criado para que o aluno realize sua produção, oferecendo suporte e meios que auxiliem na atividade escrita. Dentre os recursos que o programa oferece estão textos de apoio e situações de escrita (ou seja, o estudante é inserido em um contexto no qual ele enuncia a alguém que o lê).

Nas produções de gêneros dos estudantes é comum encontrar inadequações quanto à norma padrão, visto que a oralidade recorrentemente interfere na escrita. Segundo Marcuschi:

A fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. Mais do que a decorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização. Por outro lado, a escrita (enquanto manifestação formal do letramento), em sua faceta institucional, é adquirida em contextos formais: na escola. (p. 18)

Enquanto a fala é espontânea, a escrita é sistematizada; por esse motivo, diversas vezes, a maneira como o aluno se comunica oralmente interferirá em suas produções escritas:

No entanto, a escrita é um processo mais abrangente que implica os atos de pensar e planejar, ao contrário da fala que é pronunciada mais prontamente; é mais imediata, não havendo tempo para planejamento, o que faz com que, na fala, a repetição do mesmo item lexical seja uma exigência como forma de facilitar o processamento da informação pelo ouvinte. (Andrade, p.2)

Tendo isso em vista, neste relato de experiência discorremos sobre a prática de correção de textos realizadas no âmbito do PIBID, com enfoque na ortografia e nas marcas de



oralidade encontradas nas redações produzidas por discentes do 9º ano de uma escola estadual da rede pública do estado do Paraná, por meio da plataforma “Redação Paraná”. O objetivo foi de observar como as plataformas realizam a correção e se permite ao aluno refletir sobre a sua escrita possíveis trocas ortográficas.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho é de ênfase qualitativa, buscando um olhar para as produções textuais registradas na plataforma ‘Redação Paraná’ por alunos dos 9º anos.

Nessa revisão, são observadas especialmente as marcas de oralidade presentes nas produções de texto. A coleta dos dados ocorreu a partir das redações produzidas pelos alunos ao longo das atividades propostas pelos professores regentes e acompanhadas pelos bolsistas do PIBID de Língua Portuguesa. Nessas produções, foram trabalhados os gêneros artigo de opinião e conto. Assim, foram verificados os textos das turmas levando em consideração trocas ortográficas que ocorrem devido às diferenças entre som e grafema e as inadequações grafofonológicas, comparando a norma convencional de se escrever e a maneira como o estudante a produz.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A plataforma ‘Redação Paraná’ é um recurso oferecido pelo estado aos estudantes para a produção de produções textuais. Em um primeiro momento, é ministrado aos alunos as características do gênero, e possíveis formas de abordar o tema. Nesse momento, o livro didático foi utilizado como apoio, com atividades que preparam os estudantes para a produção escrita em si. Ou seja, é primeiro feito um estudo do gênero em sala de aula, juntamente com o professor, para só então, o texto ser transferido para a plataforma.

Após isso, os alunos devem transpor a redação escrita para a plataforma, a qual corrige a parte micro do texto, ou seja, aspectos linguísticos como ortografia e gramática. O professor



fica encarregado de corrigir a parte macro do texto: a estrutura do gênero e aspectos mais subjetivos da redação.

Um dos gêneros trabalhados com o 9º ano foi o conto, que teve como tema as relações entre o meio urbano e o meio rural: “Festejando a conexão entre campo e cidade”. Os alunos deveriam criar uma história seguindo a estrutura do conto: personagens, ambientação... Que celebrasse essa conexão. Após esse momento a plataforma faz a correção seguindo critérios para análise da língua em si, sinalizando com diferentes cores as inadequações, da seguinte forma:

Figura 1- Imagem de redação na plataforma ‘Redação Paraná’ com correções automáticas.

Faz um tempo que **as mulheres vem** sendo tratadas como objetos que devem ficar em casa, para fazer trabalho doméstico, argumentando que as mulheres devem apenas cuidar dos trabalhos **domésticos diário**, já os homens com trabalho se recebendo por isso enquanto a mulher tem um **trabalho autônomo** sem remuneração.

Os homens ganham cerca de 20% a mais que as mulheres, além de uma grande parte ser desempregada pela própria sociedadendicilarizar as mulheres, **por causa de** séculos passados, em que **a própria mãe ensinavam** a filhas a como se comportar na mesa, cozinha, limpar a casa e cuidar dos filhos, o índice de desemprego das **mujeres** foi 45.3% maior que os dos homens em 2024.

As mulheres **nos dias atuais** tem cerca de um mais de 7% de desemprego no Brasil, sendo que a maioria das mulheres ainda **cuidam** das coisas domésticas. Uma das formas de melhorar isso são mulheres buscarem mais estudo além de ter políticas que promovam a equidade e valorizem o trabalho de cuidado.

DASHBOARD DE ERROS

Total de erros encontrados: 9

Atualizado: 03/09/2025

Comparativo de erros

Fonte: autores.

As correções da plataforma também incluem a contabilização dos ‘erros’ encontrados ao longo da produção, tornando possível a formação de um gráfico final, que permite uma visão abrangente das principais dificuldades do aluno durante a Redação:

Figura 2- Representação gráfica dos erros apontados pela plataforma.



Fonte: autores.

Outro exemplo de atividade de produção textual realizada com os alunos dos 9º anos foi o artigo de opinião com o tema intitulado: “O impacto das redes sociais na saúde mental dos adolescentes” além dos textos de apoio que a plataforma oferece, também foi lido em sala de aula um artigo de opinião com o mesmo tema, de forma a subsidiar a produção dos estudantes com demonstrações de exemplo. Isso demonstra o papel essencial do professor mesmo com a utilização das tecnologias educacionais.

A análise das produções textuais dos estudantes demonstrou que marcas de oralidade aparecem recorrentemente na escrita, o que evidencia as dificuldades relacionadas às relações entre som e grafema. Diversos trechos coletados mostraram como os alunos tendem a aproximar a escrita da pronúncia cotidiana, fato amplamente discutido nos estudos sobre a





distinção entre língua falada e língua escrita, como citado mais acima. Entre as ocorrências mais frequentes, observaram-se:

Trocas de grafemas motivadas pela pronúncia, como substituição de /s/ por /z/, ou de /x/ por /ch/, indicando que o aluno opta pela letra que julga corresponder ao som ouvido mesmo em uma fase na qual é esperado a consolidação da alfabetização, evidenciando o quanto a fala oral possui influência na escrita.

Reduções e simplificações característico da oralidade, como supressão de vogais ou consoantes em encontros consonantais, nas reduções também foi percebido abreviações como ‘VC’ para a palavra ‘você’ uma tentativa de representar graficamente a fala espontânea de forma rápida, consequência da tecnologia na qual estamos abundantemente inseridos.

Assim, quando o aluno escreve, especialmente em situações de menor domínio da norma padrão, tende a recorrer a estratégias baseadas na fala, produzindo textos nos quais a oralidade emerge como parâmetro de produção discursiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência possibilitou observar como a prática de correção contribui significativamente para a formação inicial, pois exige do futuro professor habilidades de análise linguística, sensibilidade às dificuldades dos alunos e capacidade de relacionar teoria e prática.

Assim, os resultados confirmam que as produções textuais analisadas apresentam marcas de oralidade decorrentes das relações grafofonológicas e evidenciam que a atuação no PIBID oferece um espaço de aprendizagem essencial para compreender tais fenômenos e aprimorar práticas de ensino de língua portuguesa.

A análise das produções dos estudantes do 9º ano, realizadas na plataforma “Redação Paraná”, evidenciou a presença de marcas de oralidade e trocas ortográficas motivadas pelas relações entre som e grafema, confirmado o que a literatura aponta sobre as interações entre língua falada e língua escrita. Esses fenômenos se apresentam como indicadores importantes das dificuldades enfrentadas pelos alunos, mas também como pistas valiosas para orientar intervenções pedagógicas mais eficazes.



As reflexões desenvolvidas ao longo da pesquisa reforçam que o ensino da escrita deve considerar a influência da oralidade no processo de aquisição da língua, de modo que as correções realizadas pelos professores — e pelos bolsistas em formação — precisam ir além da simples marcação do erro. Elas devem possibilitar ao aluno a compreensão dos mecanismos linguísticos envolvidos, estimulando a consciência fonológica, a apropriação das convenções ortográficas e o desenvolvimento da autonomia como produtor de textos.

A participação nas atividades escolares, aliada às discussões teóricas construídas na universidade, promoveu um aprendizado significativo, permitindo que os futuros professores desenvolvessem um olhar mais atento e fundamentado sobre a escrita dos alunos. Assim, a vivência no programa não apenas contribuiu para o aprimoramento das habilidades de análise linguística e correção textual, mas também consolidou a compreensão de que o processo de ensinar e aprender língua portuguesa deve ser contínuo e contextualizado.

A pesquisa evidencia a necessidade de intensificar pesquisas que explorem a relação entre oralidade e escrita, especialmente em contextos escolares que utilizem plataformas digitais educacionais, nas quais há a possibilidade de apoio quanto à aprendizagem da escrita conforme é pedido o enunciado.

Em síntese, este trabalho mostra a importância de compreender a escrita como processo e de reconhecer, nas marcas de oralidade e nos desvios ortográficos, as dificuldades que o aluno pode ter durante esse processo, pensando sempre na melhor maneira de intervir para uma aprendizagem significativa. Ao registrar esse relato de experiência objetivamos o estudo que contribui para o diálogo entre pesquisadores, professores e futuros docentes, oferecendo análises para a prática educativa nas escolas brasileiras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UTFPR pela oferta de um ensino de qualidade e que possibilitou minha participação no subprojeto PIBID contribuindo para nossa formação acadêmica com oportunidades durante a graduação. Também gostaria de agradecer à professora orientadora Susiele Machry Da Silva por todo o suporte durante a escrita do presente trabalho.





REFERÊNCIAS

ANDRADE, G. D.; LIMA, L. E. P.. As marcas de oralidade no texto escrito: Uma análise da crônica “Minhas Férias” de Luis Fernando Veríssimo. Sergipe, 2011. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10197/2/8.pdf>. Acesso em 20 nov. 2025.

BAKHTIN, M.. Os Gêneros do Discurso. 1 ed. São Paulo: **Editora 34**, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

MARCUSCHI, L, A.. Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização. 10 ed. São Paulo: **Cortez**, 2010.